

As metáforas do estado de emergência

INÊS SALGUEIRO

Universidade Nova de Lisboa

Resumo

O mundo encontra-se numa situação de pandemia e os dirigentes têm adotado medidas extraordinárias para lhe fazer face. No nosso país, o presidente Marcelo Rebelo de Sousa reconheceu o SARS-CoV-2, causador da COVID-19, como motivo para declarar o estado de emergência. Esta posição de emergência implica uma reorganização profunda da vida social dos cidadãos e um confinamento social, o que equivale a um grande esforço coletivo. Existem vários estudos que mostram os efeitos adversos deste tipo de situações, que vão desde questões económicas, como pobreza e escassez de alimentos (Rubin e Wessely, 2020), a problemas psicológicos como o medo de ser infetado, raiva e depressão (Brooks et al., 2020). Os discursos do presidente mostram-se, assim, como fundamentais para a motivação dos cidadãos e para a construção de significados em torno da pandemia. O objetivo deste artigo é analisar as metáforas presentes nos discursos de declaração e renovação do estado de emergência e retirar conclusões acerca do seu significado. Pretende-se identificar no corpus as expressões metafóricas e ver quais as metáforas conceptuais (Lakoff e Johnson, 1980) que o suportam. Em seguida, procurar-se-á analisar estas metáforas, exibindo o seu mundo imagético e emocional. Por último, determinar-se-á qual é o escopo que subjaz à escolha das metáforas usadas e qual é a influência que as mesmas podem ter na perceção e cognição dos cidadãos relativamente à situação em geral e à doença COVID-19 em particular.

Palavras-chave: COVID-19, Estado de emergência, Metáforas.

Introdução

Em 1977, Susan Sontag chamou a nossa atenção para o papel que as metáforas desempenham na doença, em especial na tuberculose e no cancro, no seu influente livro *Illness as Metaphor*. Nele, Sontag não apenas observa as metáforas usadas para falar da doença mas defende que as metáforas assombram a experiência da doença contribuindo para o desespero e para a vergonha dos doentes. Agora, quatro décadas depois, a relação entre metáfora e doença adquiriu um destaque particular devido à situação de pandemia em que vivemos.

Lakoff e Johnson (1980) argumentaram que as metáforas ocupam uma função fundamental no entendimento humano e que são um elemento estruturante do próprio pensamento. Tal visão designa-se por teoria cognitiva da metáfora (TCM). Esta teoria sustenta que as metáforas conceptuais permitem conter certos fenómenos que são pouco claros em termos imagetivamente compreensíveis. O presente estudo pretende recorrer à TCM para analisar os discursos do presidente Marcelo Rebelo de Sousa sobre a pandemia. A análise destes discursos terá duas finalidades. Ela permitirá, em primeiro lugar, mostrar o modo como a doença e a atual situação são comunicadas pelo presidente e, em segundo lugar, ver quais são as representações que o presidente tenta invocar nos cidadãos

O corpus inclui três discursos de Marcelo Rebelo de Sousa: o discurso da declaração do estado de emergência de 18 de março e os discursos sobre a renovação do estado de emergência de 2 e 16 de abril. A escolha destes três textos foi feita com a intenção de identificar um padrão para as metáforas conceptuais usadas pelo presidente para descrever a doença COVID-19. Este artigo será estruturado da seguinte maneira. Após esta introdução, a primeira secção fornecerá uma visão geral da TCM bem como o seu papel na formação de crença. Na segunda parte será feita uma descrição da metodologia usada para a análise das metáforas empregadas nos discursos do presidente. Os resultados são apresentados na terceira secção seguidos de uma análise. A parte final conclui a investigação e expõe brevemente as suas implicações para a compreensão dos cidadãos.

1. Uma visão geral da TCM

Lakoff e Johnson (1980) deram início a uma mudança de paradigma na percepção do que é a metáfora com o livro *Metaphors We Live By*. Efetivamente, Lakoff e Johnson mostraram que o nosso sistema conceptual comum é de uma natureza essencialmente metafórica e isso significa que o que pensamos e nos movimenta para agir se baseia em metáforas. Tal não indica que as metáforas sejam óbvias. Pelo contrário, elas estão enraizadas numa profundidade de experiência que não é, de forma alguma, óbvia. Ainda assim, são elas que nos permitem entender um assunto relativamente abstrato e difícil de organizar, como é o caso da doença em geral, em termos concretos.

A compreensão do que são as metáforas mostra que elas não são prescindíveis, ou seja, não é uma possibilidade nossa abdicar do pensamento metafórico porque existem metáforas conceptuais que estruturam o próprio pensamento e certas inferências só são possíveis graças a elas. Neste sentido, as metáforas devem ser entendidas como algo que possibilita a apreensão cognoscitiva do mundo. Elas têm um papel epistemológico fundamental uma vez que estão implícitas na própria forma da percepção. Este é o motivo pelo qual a TCM é a teoria mais aceite no campo da investigação metafórica porque ela relaciona as metáforas com a cognição. Tal como Deignan (2005) argumenta, elas desempenham uma função basilar, quer no pensamento, quer na linguística. Assim, dado que elas subjazem ao nosso sistema conceptual, têm uma grande influência na convicção. Além de estruturarem a nossa mente, as metáforas têm também um lugar no modo como percebemos certas situações (Lesz, 2011). Nesta medida, a escolha das metáforas usadas no discurso dos dirigentes para fazer face a uma situação de medo e incerteza, como é o caso da atual pandemia, tem um grande impacto no modo como essa situação é percebida pelos cidadãos. Além disso, o facto de as metáforas não serem claras e passarem despercebidas confere-lhes o poder de influenciar opiniões.

Burkholder e Henry (2009) sustentam que as metáforas criam um contexto. Se esse contexto expressar determinado ambiente, ele pode desencadear uma resposta emotiva. As emoções representam um papel preponderante na nossa tomada de decisão. Nesta perspectiva, a principal razão para o uso de metáforas e para a escolha de certo tipo de metáforas por um determinado líder político reside no facto de elas influenciarem as nossas emoções. Mio e al. (2005) reforçam este argumento ao afirmarem que determinadas emoções são desencadeadas de modo a comunicar a necessidade de se tomarem certas medidas. Desta forma, o uso das metáforas nos discursos políticos em situação de crise, como é o caso da crise pandémica por COVID-19, é de extrema

relevância. A própria situação exige que os dirigentes reúnam os cidadãos em torno de uma visão comum. As metáforas são um aliado fortíssimo para cumprir este desígnio.

2. Metodologia do procedimento usado para a análise das metáforas

O corpus deste artigo inclui os discursos de declaração e de renovação do estado de emergência feitos por Marcelo Rebelo de Sousa. Escolhi estes três textos para circunscrever a investigação de modo a identificar um padrão geral para as metáforas conceptuais usadas pelo presidente português nesta situação de pandemia. Trata-se, assim, de uma demarcação do tema do vírus SARS-CoV-2, causador da COVID-19.

Existem vários métodos de classificação de metáforas. Tal tarefa não é fácil e, na verdade, apresenta alguns critérios de subjetividade que são difíceis de eliminar. Neste sentido, recorri a várias metodologias para a classificação das metáforas no meu corpus. Entre estas, saliento o método de identificação de metáforas proposto pelo grupo Pragglejaz (2007), a investigação de Lesz (2011) e a de Penninck (2014). A minha metodologia, em traços gerais, envolve as seguintes etapas. A primeira etapa corresponde a uma leitura cuidadosa e atenta e a segunda etapa corresponde a uma identificação e a uma análise das metáforas. Tal metodologia envolve um mapeamento metafórico entre os domínios conceptuais de origem e os domínios conceptuais de chegada. Por último, as metáforas são agrupadas de acordo com os seus domínios de origem e atribuídas a diferentes metáforas conceptuais no âmbito da TCM. O modo como Lesz (2011) agrupou as metáforas conceptuais presentes nos discursos do antigo presidente americano Barack Obama foi de extrema utilidade e serviu de base para a identificação das metáforas nos discursos do presidente Marcelo Rebelo de Sousa. O modo como Penninck (2014) calculou a densidade metafórica nos vários discursos dos presidentes históricos americanos também foi seguido.

Os temas das metáforas identificados foram a construção, a educação, o equilíbrio, a guerra, o jogo, a jornada, a matemática, o mito heroico, o movimento, a natureza, a posição, a provisão, a religião, a saúde e a unidade. A secção seguinte comparará a densidade metafórica nos três discursos analisados e, em seguida, listará as várias metáforas encontradas e apurará as suas principais funções.

3. Análise de resultados

A densidade metafórica foi obtida através da divisão do número total de palavras pela quantidade de metáforas usadas pelo presidente Marcelo Rebelo de Sousa, nos três discursos analisados, e em seguida multiplicando esse resultado por 100. O gráfico seguinte permite uma visualização dessa densidade:

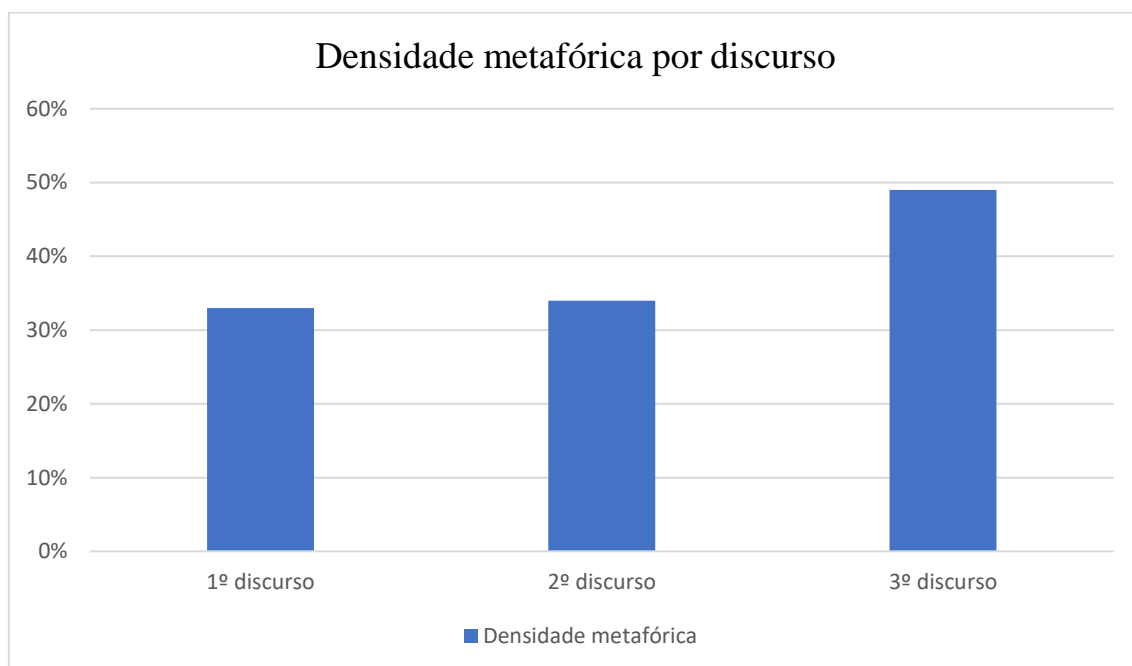


Fig. 1

Aquilo que se observa na figura 1 é que, embora tenha existido um aumento da densidade metafórica, do primeiro para o segundo discurso esse aumento não é significativo. Na verdade, trata-se de um aumento de apenas 1%. O primeiro discurso apresenta uma densidade metafórica de 33% e o segundo discurso apresenta uma densidade metafórica de 34%. Já do segundo para o terceiro discurso há um aumento da densidade metafórica de 15 %, o que nos leva a concluir que o recurso à metáfora nos três discursos é uma constante, que todos os discursos do corpus são ricos em densidade metafórica e que esse aumento é gradativo.

Dentro das metáforas encontradas no discurso do presidente, deparamos com temas que são comuns a todo o corpus. A tabela abaixo lista os quinze temas mais comuns. As metáforas foram classificadas pelo número de ocorrências por discurso,

começando pelo tema mais frequente. Cada tema é seguido por um exemplo retirado do corpus.

Domínio de origem	Ocorrências	Exemplo
1. Guerra	32	Temos de lutar , todos os dias, contra ele. (MRS, 18.3, l. 20)
2. Religião	15	Profissionais da saúde continuam a fazer milagres . (MRS, 2.4, l. 22-23)
3. Mito heroico	14	O Governo – que tem entre mãos uma tarefa hercúlea – adotou medidas (...). (MRS, 18.3, l. 33)
4. Unidade	11	Deixem-me terminar com um exemplo de como somos . (MRS, 18.3, l. 139)
5. Movimento	10	Onde o número de infetados certificados começara a subir (...). (MRS, 2.4, l. 59)
6. Jornada	8	O caminho ainda é longo, é difícil e é ingrato. (MRS, 18.3, l. 132)
7. Jogo	7	Agora, temos de ganhar a segunda fase. (MRS, 2.4, l. 65)
8. Saúde/Doença	5	[C]hamada a uma contenção e a um tratamento em família sem precedente. (MRS, 18.3, l. 9-10)
9. Provisão	4	[C]oncentrar-nos nos efeitos, a prazo, no emprego, nos rendimentos , nas famílias , nas empresas. (MRS, 18.3, l. 106-107)
10. Educação	3	Está a ser e vai ser um teste nunca vivido. (MRS, 18.3, l. 8)
11. Construção	2	[S]em tempo para ajustar estruturas (...). (MRS, 2.4, l. 44)
12. Natureza	2	[V]isitas à terra e à família custaram explosões (...). (MRS, 2.4, l. 106-107)
13. Matemática	2	IPSS e Misericórdias e voluntários desmultiplicam-se . (MRS, 2.4, l. 25)
14. Equilíbrio	1	[T]entando equilibrar contenção no espaço público e nas fronteiras (...). (MRS, 18.3, l. 33-34)
15. Posição	1	[A]o mesmo tempo a pôr de pé , no terreno, os apoios sociais (...). (MRS, 2.4, l. 68)

Fig. 2

As metáforas presentes neste corpus visam emocionar, convencer e motivar os portugueses. A função específica de cada um destes temas será analisada de acordo com a situação pandémica.

No que concerne à metáfora da “guerra”, ela é a metáfora mais usada nos três discursos do presidente português. Ao usar a metáfora bélica, Marcelo Rebelo de Sousa apresenta a doença COVID-19 como um inimigo que precisa de ser enfrentado num campo de batalha. Esta metáfora visa representar a doença e atual situação de pandemia como algo que requer uma campanha militar. A pandemia deve ser vista pelos portugueses como uma situação de conflito. A função desta metáfora marcial consiste em desencadear emoções profundas nos portugueses relativamente à doença COVID-19. O presidente transforma a doença num combate dramático, combate esse que requer não apenas liderança, mas também um exército. Esse exército são os cidadãos portugueses que foram chamados para defenderem militarmente a nação contra o SARS-CoV-2.

No que diz respeito à metáfora “mito heroico”, ela é usada para retratar os líderes políticos como heróis. Os dirigentes são representados como tendo em mãos uma tarefa semelhante a Hércules. Tal como Hércules, o governo e o presidente enfrentam desafios extraordinários que requerem muita coragem. Ao serem narrados como heróis, os governantes entram no imaginário e nas emoções dos portugueses. Eles são os heróis que vão salvar os portugueses.

Relativamente à metáfora “unidade”, ela tem o fito de evocar o sentimento de fraternidade. Os portugueses são representados como membros de uma grande família. Neste sentido, precisam de trabalhar juntos e de se apoiarem, como em família, para saírem da crise pandémica. Esta metáfora também é uma metáfora que desencadeia emoções nos portugueses porque, ao representarem-se como membros de uma casa, passam a imaginar-se como tendo ligações ancestrais e afetivas.

Em relação à metáfora “movimento”, pode-se afirmar que ela visa cinesia. O número de infetados pode subir. A doença é representada como um objeto em movimento. O fito desta metáfora é simplificar a situação de pandemia.

No que tange à metáfora “jogo”, ela é usada para que a situação seja vista como análoga a uma competição. Tal como numa competição, a crise sanitária tem de ser encarada como algo que procura uma vitória. Neste sentido, é necessário que os portugueses superem quem os desafia, a saber, o vírus causador da doença COVID-19. A função desta metáfora é emocional uma vez que visa desenvolver o entusiasmo. Esta metáfora permite criar nos portugueses condições de orientação de respostas e de utilização de recursos, com vista à realização das tarefas que lhe são pedidas. A metáfora da competição gera energia com a finalidade de iniciar ou manter o esforço para realizar um determinado comportamento social.

No que se refere à metáfora “religião”, ela visa relacionar a tarefa humana dos profissionais de saúde com a espiritualidade. Aquilo que está em causa nesta metáfora é fazer equivaler a tarefa dos profissionais de saúde a uma moralidade religiosa.

No que respeita à metáfora “provisão”, ela é usada para realçar a necessidade do sustento de uma pessoa, comunidade ou família, durante o período do estado de emergência. Ela tem o objetivo de antecipar o resultado do período de isolamento, mostrando-se consciente do sacrifício e dos custos que provável ou certamente ocorrerão no futuro.

A metáfora “educação” é usada para fazer entender a pandemia a partir de uma situação de avaliação de conhecimentos. Os testes de avaliação exigem responsabilidade e motivação. Os portugueses são vistos como alunos que se devem preparar para o teste de avaliação, eles devem estar conscientes de que esta crise sanitária é um exame que põe à prova as suas capacidades face à situação.

Quanto à metáfora “saúde/doença”, ela representa o esforço de isolamento dos portugueses como a indicação correta para curar a situação. O governo e o presidente são representados como os médicos capazes de curar a situação de pandemia.

No que concerne à metáfora “jornada”, ela posiciona os portugueses numa situação de jornada. Nesta jornada os portugueses devem seguir um determinado caminho e dar passos numa direção específica. Esta metáfora pretende fazer os portugueses sentirem que ainda há um longo caminho a percorrer para sair da crise sanitária, mas que há progresso e que é necessário continuar a avançar. Tal metáfora implica que o avanço não será fácil, que haverá obstáculos, mas que o objetivo é exequível se houver esforço coletivo. A metáfora da jornada também é emocional e funciona como um incentivo.

Relativamente à metáfora “construção”, ela compara a resolução da situação pandémica a um edifício que precisa de fundações firmes e de uma estrutura estável. Esta solução deve ser construída para que a situação não entre em colapso. A metáfora da construção faz com que os líderes políticos se assemelhem a arquitetos. Esta metáfora procura simplificar problemas complexas. Ao usar verbos simples como planear ou construir, a saída da crise sanitária torna-se imagetivamente mais fácil para os portugueses.

A metáfora “natureza” representa a crise sanitária como uma explosão passageira. Algo que está a acontecer, mas que com o tempo passará, tal como os fenómenos naturais.

No que diz respeito à metáfora “equilíbrio”, ela é usada para mostrar que, apesar da crise sanitária, é possível que a situação se mantenha estável. Esta metáfora apela ao

comedimento dos cidadãos com vista a que seja possível existir uma certa regularidade dentro da pandemia.

A metáfora da “matemática” é usada para mostrar a preocupação com a adição de quantidades. Trata-se de mostrar o esforço coletivo da sociedade civil em várias ações de solidariedade.

Por último, a metáfora “posição” é uma metáfora que tem a ver com a orientação espacial de cima para baixo. Ela tem por base a nossa experiência corporal e cultural. Na cultura portuguesa estar “de pé” é algo que nos dá força e controle. O seu uso evoca uma atitude de robustez que visa motivar uma ideia coletiva de suporte.

Conclusão

A investigação metafórica sobre os discursos de declaração e renovação do estado de emergência consistiu principalmente em dois tópicos: analisar a densidade metafórica e os temas das metáforas do corpus como modo de resposta à crise sanitária. Observou-se que a densidade metafórica foi mais elevada no terceiro discurso. Ainda assim, tal não significou um aumento significativo do número de metáforas uma vez que o terceiro discurso é mais reduzido em número de palavras. O tema das metáforas que o presidente Marcelo Rebelo de Sousa usou para descrever a crise foi variado e visou fornecer aos portugueses uma conceção positiva da crise, um sentimento de união e capacidade de resolução do problema em questão. A doença COVID-19 foi enquadrada dentro do contexto das metáforas bélicas e o vírus SARS-CoV-2 foi descrito pelo presidente como um inimigo. O tempo de isolamento social foi narrado como uma jornada e os portugueses como os caminhantes no trilho da crise sanitária. Os dirigentes foram considerados como heróis míticos e os profissionais de saúde colocados numa perspetiva religiosa. Em síntese, os três discursos transformaram a doença numa narrativa cultural onde a metáfora principal para falar da Covid-19 é a guerra, na tentativa de minimizar o número de mortes.

Referências bibliográficas

Brooks, S., Webster, R., Smith, L., e al. (2020). The Psychological Impact of Quarantine and How to Reduce it: Rapid Review of the Evidence. *The Lancet*, 395 (10227), 912-920.

Deignan, A. (2005). *Metaphor and Corpus Linguistics*. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.

Lakoff, G., Johnson, M. (1980). *Metaphors We Live By*. Chicago: University of Chicago Press.

Lesz, B. (2011). *To shape the world for the better: an analysis of metaphors in the speeches of Barack Obama*. (Unpublished Master's thesis). University of Tromsø, Norway.

Mio, J., Riggio, R., Levin, S., e Reese, R. (2005). Presidential leadership and charisma: The effects of metaphor. *The Leadership Quarterly*, 16, 287–294.

Penninck, H. (2014). *An analysis of metaphor used in political speeches responding to the financial crises of 1929 and 2008*. (Unpublished doctoral dissertation). University of Ghent.

Pragglejaz Group (2007). MIP: A method for identifying metaphorically used words in discourse. *Metaphor and symbol*, 22 (1), 1-39.

Rebello de Sousa, M. (2020). Mensagem do Presidente da República ao País sobre a declaração do estado de emergência (18.3.2020). <http://www.presidencia.pt/?idc=22&idi=176060>

Rebello de Sousa, M. (2020). Mensagem do Presidente da República ao País sobre a renovação do estado de emergência (2.4.2020). <http://www.presidencia.pt/?idc=22&idi=176304>

Rebello de Sousa, M. (2020). Mensagem do Presidente da República ao País sobre a renovação do estado de emergência (16.4.2020). <http://www.presidencia.pt/?idc=22&idi=176632>

Rubin, G. J., Wessely, S. (2020). The psychological effects of quarantining a city. *BMJ (Clinical research ed.)*, 368, m313.

Sontag, S. (1978). *Illness as Metaphor*. New York: Farrar, Straus and Giroux.